

# O tempo verbal em perspectiva cognitivista

Felipe de Andrade<sup>i</sup>

## RESENHA

ABRAÇADO, Jussara. *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações*. São Paulo: Contexto, 2020, 128p.

A categoria gramatical tempo tem recebido um investimento potencial nos Estudos da Linguagem, seja em abordagem que privilegia o seu tratamento no âmbito do ambiente pedagógico, seja em abordagem que aprofunda a compreensão em relação a questões filosóficas e envoltas à cognição humana. O livro *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações* (2020), de autoria de Jussara Abraçado, filia-se a essa última abordagem.

O livro é organizado em torno de quatro capítulos norteadores, a saber: “O que é o tempo?”, “O tempo linguístico em estudo”, “A expressão linguística do tempo” e “O tempo verbal”. Para subsidiar sua análise acerca do tempo verbal, Abraçado faz uma breve incursão na conceituação de tempo sob diferentes perspectivas (filosóficas, linguísticas e, sobretudo, cognitivistas).

Recorrendo a filósofos e pensadores da Antiguidade, Abraçado reconstrói, no primeiro capítulo, o percurso da conceituação de tempo. Para tanto, a autora recorre a noções essenciais para o entendimento da categoria: a) estações do ano, calendário e relógio; b) evento, processo, estado e movimento; c) espaço e mudança. É justamente nessa subcategorização do percurso adotado pela autora que reside o movimento retórico por meio do qual Abraçado busca configurar o conceito de tempo.

Ainda nesse movimento retórico, a autora recorre ao discurso platônico para sinalizar que, para Platão, o tempo está intrinsecamente associado à noção de mudança e, conseqüentemente, à noção de movimento. Essa filiação platônica influenciou, em parte,

---

<sup>i</sup> Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e da Prefeitura Municipal de Volta Redonda.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9199-225X> | felipe.letras.ac@gmail.com

o pensamento aristotélico e, portanto, deixou-nos um legado sobre o tempo fundado na/pela Antiguidade.

Além de citar parte das premissas platônicas e aristotélicas, Abraçado cita outros filósofos, como Plotino e Santo Agostinho, além de nomes relevantes no cenário da ciência moderna, como Galileu, Newton e Einstein, cujos estudos pioneiros em Matemática e Física revolucionaram a história do pensamento acerca do tempo. Em linhas gerais, o primeiro capítulo é caracterizado por uma breve incursão na Antiguidade e, embora não trate especificamente sobre a categoria gramatical em tela, é prenunciador dos estudos linguísticos sobre temporalidade.

No segundo capítulo, Abraçado começa a tratar, em específico, do tempo como uma categoria da linguagem. Recorrendo aos Estudos Enunciativos do século XX, a autora chega à natureza dêitica do tempo e ratifica a ideia de que o tempo linguístico não somente se manifesta nos enunciados da língua como também está na cognição humana, o que amplia a nossa concepção de referencialidade do mundo linguístico e extralinguístico.

A Teoria da Enunciação é revisitada por Abraçado, que vê nos trabalhos de Benveniste (1974; 1989) um caminho pavimentado para a discussão acerca das categorias da enunciação (pessoa, espaço e tempo). Nesse sentido, a enunciação instancia três categorias essenciais para a compreensão do momento da fala (presente), a saber: eu, aqui e agora. Leia-se: “eu” como a instância de pessoa, “aqui” como a instância de lugar e, finalmente, “agora” como a instância de tempo.

Dessa forma, segundo Benveniste (1974; 1989), o momento da fala revela, em essência, o tempo linguístico, uma vez que é o momento da fala que aciona o que vem antes (passado) e o que vem depois (futuro). Ainda utilizando os pressupostos teóricos de Benveniste, Abraçado avança, valendo-se da leitura de Fiorin (1996), para quem o tempo linguístico difere-se do tempo cronológico pelos fatos de se constituir na e pela linguagem e de o agora atualizar todo o aparelho da enunciação em termos de marco temporal da fala.

A autora recorre, ainda, ao texto de Langacker (1991), em seus estudos estritamente cognitivistas, para abordar o processo de conceptualização da realidade. Segundo esse processo, cada indivíduo constrói perspectivas diferentes e comuns de realidade, o que dota o ser humano de uma capacidade de viver em culturas cuja imersão

em realidades distintas afeta o imaginário conceptual – o autor chama “modelos cognitivos da realidade”.

Também no segundo capítulo da obra encontra-se a delimitação do *corpus* utilizado pela autora. Nele, Abraçado sinaliza que utilizará como fonte de exemplos notícias extraídas de mídia virtual, ou seja, a fonte dos exemplos é circunscrita aos informativos *on-line*, acessados por meio de ferramenta de busca do Google. Vale salientar que o *corpus* abrange muitos domínios discursivos, sendo um deles o domínio dos esportes – sobretudo, o futebol –, em que se pode apenas vislumbrar a dualidade de tempos: presente na manchete, e passado no corpo da notícia.

No terceiro capítulo, inicia-se uma discussão oportuna acerca da materialização linguística do tempo verbal. A autora mostra-nos que, embora haja uma tentativa milenar de sinalizar nos morfemas modo-temporais à expressão do tempo, existem outros recursos responsáveis pelo conteúdo dêitico temporal. Ao todo, conforme elenca Abraçado, existem seis recursos para essa materialização, o que nos aponta um dado relevante: as línguas naturais representam o tempo por meio de formas verbais e outros recursos linguísticos.

O primeiro dos recursos linguísticos apontados por Abraçado é o tempo verbal, cuja tradição gramatical elenca como categoria prototípica para a expressão do que conhecemos como presente, passado e futuro. É relevante sinalizar que esse tipo de expressão do tempo verbal é encontrado, sobretudo, no capítulo dos verbos e, dificilmente, há sinalização, nas gramáticas, de que existem outros recursos que veiculam a noção de tempo.

Como segundo recurso, a autora elenca o aspecto como categoria gramatical do verbo. Segundo ela, o aspecto verbal diferencia processos em andamento (“Eva estava fechando a porta”) de processos concluídos (“Eva fechou a porta”). Na tradição gramatical, essa oposição representada pelo aspecto verbal fica bastante evidente na distinção pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito.

Há, ainda, como terceiro recurso para manifestação do tempo, o aspecto lexical. Esse tipo de aspecto é responsável pela subdivisão dos verbos em tipos. Dessa forma, os verbos podem ser subcategorizados se o seu conteúdo lexical descreve um estado (“dormir”, por exemplo), se o seu conteúdo expressa um evento (“fechar”, por exemplo) e assim por diante. De acordo com o aspecto lexical, podemos agrupar os verbos por meio

do seu conteúdo lexemático (ou, como diz a tradição, conforme seu lexema), que porta valores semânticos (estativo, resultativo, etc.).

São também considerados recursos linguísticos de expressão do tempo os advérbios de tempo (“agora”, “rapidamente” etc.) e as partículas temporais, que, nas palavras da autora, materializam-se como afixos – prefixos ou sufixos –, muito comuns na língua chinesa.

O sexto recurso diz respeito à organização das sentenças no discurso. Por meio de recursos retóricos, somos capazes de ordenar ou dar sequência às sentenças criadas na língua e, por isso, a manifestação da temporalidade linguística encontra-se justamente atrelada à organização do discurso, ou seja, como dispomos os fatos ao longo de uma sequência.

No quarto e último capítulo da obra, Jussara Abraçado revisita a formação dos tempos verbais simples e compostos. E, além de retomar a discussão acerca do aspecto verbal, revisita a constituição dos modos verbais – indicativo e subjuntivo –, para pontuar o fato de que, no subjuntivo, há expressão de conteúdo modal, uma vez que os verbos passam a veicular graus de incerteza em relação à realidade perspectivada.

Em relação à modalidade, há uma oportuna categorização dos verbos de acordo com o comprometimento do emissor, a saber: modalidade deôntica e modalidade epistêmica. Nesse sentido, a modalidade pode ser deôntica nos seguintes enunciados: “A OEA não *deve ser* um fiscal para decidir quem é bom ou mal” (com conteúdo de obrigação) e “Saiba o que as escolas *não podem fazer* na hora da matrícula” (com conteúdo de permissão). Por outro lado, a modalidade é epistêmica nos seguintes enunciados: “Seis experiências curiosas que *podem acontecer* durante o seu sono” (com conteúdo de possibilidade) e “(...) a metade dos brasileiros *acha difícil* identificar notícias falsas em redes sociais” (com conteúdo de opinião).

Ao tratar especificamente dos tempos verbais, como presente e futuro, Abraçado também retoma uma importante discussão em torno dos conteúdos perfectivos dos verbos. A autora compara dois enunciados construídos em torno do tempo verbal presente (“João come muito” e “As chaves estão sobre a mesa”) para pontuar o fato de que no primeiro enunciado o tempo presente não é referencial como no segundo, o que sugere um uso não prototípico do tempo presente.

Após engendrar pesquisas consistentes sobre a expressão da futuridade em língua portuguesa, Abraçado presenteia-nos com usos bastante comuns na variedade brasileira, tal como o uso do presente para projetar o futuro em “O meu amigo chega na próxima semana”, em que fica evidente a virtualidade do evento, além do grau de comprometimento do emissor com o que diz/escreve.

O livro dispõe de uma série de exemplos que tornam, portanto, menos exaustivos conteúdos ainda polêmicos, como as perífrases, conhecidas no meio descritivo como locuções verbais. Embora as discussões estejam relacionadas ao aparato teórico da Linguística Cognitiva, há uma certa preocupação com os leitores iniciantes e pouco familiarizados com as questões da cognição.

Os alunos dos cursos de Letras e os especialistas na área de estudos da linguagem são contemplados com mais uma obra, que atualiza em nova chave a descrição da categoria gramatical tempo. Sem abandonar a tradição gramatical, Jussara Abraçado traz uma importante contribuição de base cognitivista ao tratamento do verbo, cuja centralidade nos estudos da linguagem ultrapassa séculos, mas nunca deixa de apresentar uma fonte promissora de investigações.

## Referências

ABRAÇADO, Jussara. *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações*. São Paulo: Contexto, 2020.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

LANGACKER, Ronald. *Foundation of cognitive Grammar*. Volume II. California: Stanford University Press, 1991.

Recebido em: 28/11/2021

Aceito em: 04/02/2022